

CLUBE DOS VETERANOS DA CAMPANHA NA ITÁLIA

Conferência proferida pelo Vice-Presidente
JOÃO DOS SANTOS VAZ, no almoço oferecido
pelo Rotary Clube da Tijuca, em homenagem ao
C. V. C. I.

A bondade de nosso particular amigo Dr. Augusto Fernandes dos Reis e a confiança de nossos queridos companheiros do **Clube dos Veteranos da Campanha na Itália**, fizeram com que — de um momento para outro — fôssemos nós guindados à condição de conferencista; facto esse, que pela primeira vez em nossa vida se apresenta. Assim, a todos os presentes pedimos escusas antecipadas por alguma falha que possamos vir a apresentar, isso porque não poderemos em absoluto prever as reacções que venham a surgir, estrepantes que somos na matéria.

É nossa missão, dentro de nossas possibilidades trazer à seleta audiência o que se possa entender por **Clube dos Veteranos da Campanha Na Itália**, sua finalidade e seus objetivos.

Para que melhor possam os senhores compreender o que venha a ser o Clube dos Veteranos da Campanha na Itália, pedimos vênias para, preliminarmente, — a guisa de preâmbulo — dizer-vos alguma coisa do que tenha sido a presença do Brasil na Segunda Grande Guerra; ou melhor, a atuação da **Fôrça Expedicionária Brasileira** nos campos de batalha da velha Europa, ou mais precisamente, na Itália.

Conforme recordam os senhores, ao terminar a década de 30 viu-se o mundo envolvido numa guerra das mais cruentas que a humanidade tomou conhecimento. Assim é que em 1939, em razão da ambição de alguns, muitos tiveram suas sentenças de morte decretadas; isso porque, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se em vários países da Europa a mobilização em massa, numa tentativa de fazer frente àquêles que somente uma coisa ambicionavam: o domínio do mundo.

O totalitarismo nazi-facista obteve no período 39-40 as mais espetaculares vitórias; o que, de certo modo, pareceu significar que doravante a humanidade teria seus destinos regidos pela batuta totalitária: Em 1941, outro país com objetivos totalitários obtinha, pela traição, vitória militar que permitia supor que a humanidade estava irremediavelmente perdida: o Japão atacava Pearl Harbour, traiçoeiramente. A partir desse momento, o conflito bélico estendia seus tentáculos, também, ao território do Novo Mundo; o totalitarismo não se limitava a pretender comandar apenas a decaída Europa. Pretendia algo mais. Pretendia também, assenhorear-se do mundo. Era também o nosso continente que cobiçavam.

Em razão de tratados dos quais participáramos, se viu o Brasil no dever de respeitar seus compromissos; razão porque, não somente por força dos mesmos, como também, e em consequência de sermos por excelência, um povo amante da liberdade, rompemos tôda e qualquer espécie de relação com aquêles que julgavam ser os donos do mundo: Alemanha, Japão e Itália. Isso se verificou em 1942.

A partir desse momento, face a atitude assumida, começou o Brasil a mais diretamente participar do conflito mundial que, a essa altura, de nosso território se avizinhava. A África era, na ocasião, palco das mais cruentas batalhas. Portanto, próximo, muito próximo de nós se desenrolava talvez a mais séria luta do bem contra o mal.

Forçados fomos portanto a melhor vigiar nossa costa, isso porque, os submersíveis inimigos já se davam ao luxo de se aproximar de nosso litoral. De início, á cata de alguma possível presa; depois, numa tentativa de fugir aos reveses que lhes eram impostos com maior frequência. Quer numa ou noutra situação, sua chegada significava, para aquêles que se colocassem ao seu alcance: a morte e destruição.

Para que melhor pudesse a liberdade do mundo ser garantida, em razão de tratados assinados, cedemos em nosso território bases militares à nossos aliados — Estados Unidos da América —, os únicos aparelhados bèlicamente a fazer frente àquela horda de inimigos da humanidade.

Essa nossa posição como é óbvio, não poderia jamais, ser do agrado dos totalitários. Em razão disso, começaram êles a nos hostilizar diretamente. Assim, ainda não havia o ano de 1942 chegado ao seu término, e o Brasil já tinha aproximadamente uma dezena de seus navios mercantes, no fundo do oceano. Além do patrimônio material perdido, algo muito mais valioso para qualquer país era perdido: a preciosa vida de seus filhos. Com nossos navios, baixavam as profundezas dos mares, os corpos de nossos irmãos, vítimas que foram da ignomínia totalitária. A desfaçatez dos nipo-nazi-fascistas chegou a tal ponto, que à vista de nossas praias e com requintes de inacreditável vileza, nossos navios mercantes foram torpedeados e postos a pique; não admitindo êles na ocasião que nossos irmãos, que porventura tripulavam essas embarcações, se salvassem. Não. Eram sumariamente metralhados.

Esses atentados a nossa soberania se avolumaram de maneira tal, que o governo brasileiro representando a indignação que se apossara de seu povo, em 22 de agosto de 1942 declarou guerra a Alemanha e Itália.

Face, porém, a essas insólitas agressões, começou a tomar corpo no seio da comunidade brasileira, a idéia de nossa participação direta e mais viva no conflito. Assim, decidiu o governo brasileiro de então, que as nossas armas participassem também, em terras do Velho Mundo, da Segunda Guerra Mundial. Essa providência foi acordada, por ocasião

do encontro havido em Natal dos Presidentes do Brasil e dos Estados Unidos — Vargas e Roosevelt.

Em razão desse encontro, foi criada a gloriosa **Fôrça Expedicionária Brasileira**; que posteriormente, viria a levantar tão alto o conceito do Brasil perante o mundo.

Se por um lado, a unanimidade do povo brasileiro era pela participação direta do Brasil na guerra, por outro alguns fôcos de resistência à formação da FEB se faziam sentir em alguns setores do govêrno brasileiro. Isso porque, por incrível que possa parecer, havia em nosso seio simpatizantes das idéias e métodos totalitários. Assim, dêntro de suas possibilidades, tudo fizeram para que a formação da **Fôrça Expedicionária Brasileira** não passasse de simples Planos. De tal modo procuraram desacreditar, os **quinta-colunas**, a necessidade da organização do Corpo Expedicionário, que com disfaçatez e parodiando slogan que determinada casa comercial usava na época, diziam: **É mais fácil uma Cobra fumar, que a Fôrça Expedicionária ter sucesso.**

Mesmo assim, com tôdas as dificuldades que se apresentaram, foi organizado o grupamento de brasileiros que em terras estranhas defenderia o nome de nossa Pátria, que tinha por missão principal mostrar ao mundo o valor do Brasil como maior país da América.

Das dificuldades surgidas na formação do grupamento expedicionário, poderão os senhores ter maiores esclarecimentos se oportunidade tiverem de ler "A FEB por seu Comandante" (de autoria do bravo Sr. Marechal Mascarenhas de Moraes).

Mesmo que razões de ordem técnica e militar não houvessem, fácil será compreender que sendo o Brasil uma nação por excelência pacífica, alegre por herança, sem nunca haver testado em outro continente seu poder bélico em outras oportunidades, situações as mais variadas seriam encontradas: língua diferente, clima, topografia, armamento, etc. Militarmente, por exemplo, sempre foi o Brasil orientado segundo a escola francesa. O armamento, por sua vez, era de origem também européia. Agora tudo mudaria. Dentre os reservistas convocados e os demais militares que compunham o contingente expedicionário, talvez nenhum conhecesse na prática, o material bélico a ser usado. Mesmo dentre a oficialidade, poucos, pouquíssimos eram aquêles que conheciam tais engenhos; isso porque, com êles haviam tomado contato em curtos cursos tirados junto ao exército americano.

Assim, em razão de todos êsses óbices, o adestramento militar necessitava começar pelo que de mais elementar havia na instrução individual.

As dificuldades se apresentaram de tal ordem, que iam desde o aparelhamento bélico propriamente dito, até a simples questão de uniformes.

A par de tôdas dificuldades, organizado o comando supremo da FEB nas pessoas de **Mascarenhas de Moraes, Falconieri da Cunha, Zenóbio da Costa e Cordeiro de Farias**, começou a tomar corpo o grupamento de brasileiros que viriam a constituir a gloriosa **Fôrça Expedicionária Brasileira**.

Em julho de 1944, partia — depois de muitas marchas e contramarcas — para o **front**, o primeiro escalão da FEB. Na oportunidade, desconhecido era o destino desse grupamento, desconhecimento êsse, tático; isso porque, como é óbvio, sômente o alto comando sabia se o rumo era África ou Europa.

Após êsse escalão, outros se sucederam; totalizando os mesmos, 25.334 homens; dos quais 15.069 participaram diretamente de combates, constituindo os restantes 10.265 — Depósito de pessoal e outros órgãos não divisionários.

Uma vez chegados à Itália — pois lá era o **front** a nós destinado — começamos a tomar contáto com a miséria material e moral a que fica sujeita, uma nação que serve de palco a uma guerra. **Tudo é destruição**.

Para nós, tudo era diferente: língua, clima (a temperatura foi de 15º abaixo de 0 a 42º à sombra), topografia (das montanhas e planície), armamento, roupa (face ao clima), alimentação (científica, a base de vitaminas), etc.

De início, a tropa brasileira participou de apenas operações de adiestramento; ensaios êsses que tinham todo o sabor de autêntico **front**, isso porque, eram êles realizados obedecido os mínimos detalhes de um **front** real.

Devemos ressaltar que nossos aliados davam-se ao luxo de dispor de: tropa exclusivamente para operar em montanha, na planície, no gêlo, etc. Nós brasileiros porém, não tínhamos essa faculdade. O mesmo soldado que combateu na neve, combateu na montanha, combateu na planície, combateu no auge do verão. Isso, sem o mínimo de desânimo, sem o menor abatimento. Nossas tropas deixaram os altos comandos aliados, sob o melhor das impressões quanto ao valor do brasileiro em campanha.

Nossa infantaria foi imbatível.

Nossa artilharia, precisa.

Nossa engenharia, perfeita.

Nossos tanques marcaram época.

Nossa Fôrça Aérea cobriu-se de glórias nos céus da Europa.

Em suma: o Brasil cumpriu o seu dever.

Inúmeros foram os **fronts** que ficaram marcados pela presença máscula do soldado brasileiro, todavia, dentre muitos citaremos apenas aquê-

les que mereceram maior destaque, a saber: Camaioire, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Zoca, Colechio e Fornovo.

Não diremos porém, que isso nada nos custou. Não. Inúmeras foram as vidas de nossos irmãos que foram ceifadas nessas conquistas. Quantos companheiros nossos, sempre alegres, não mais puderam conosco regressar à Pátria querida? Quantas das vêzes aquêles que pela dor, pelo sofrimento, pelo sangue derramado tornara-se nosso irmão dileto, não mais dizia: **Presente!**

Quantos, muito embora vivos fisicamente, não representam hoje nada mais que trapos humanos; mutilados fisicamente e moralmente?

Em números concretos, isso nos custou precisamente:

Mortos	Oficiais	13
	Praças	444
	Oficiais da FAB	8
		465

Feridos e acidentados 2.722

Prisioneiros 35

Também fizemos prisioneiros. Não nos limitamos a tomar-lhes as posições.

Assim, 20.573 foram os prisioneiros por nós feitos, a saber:

Generais	2
Oficiais	892
Praças	19.679

Se considerarmos que 239 foram os dias de ação contínua contra o inimigo, poderemos dizer que em média, aprisionamos 86 inimigos por dia. Na realidade porém, somente num dia aprisionamos uma Divisão alemã (a 148) e remanescentes de uma Divisão Italiana.

Assim meus senhores, àquele desprimoroso conceito emitido pelos quinta-colunas de nossa pátria, respondemos — **A Cobra Fumou**. Com isso, mostramos o valor da raça brasileira; e o mundo, forçado foi a reconhecer no soldado brasileiro, face as inúmeras dificuldades por que passou, o **melhor soldado do mundo**.

Uma vez de volta à Pátria querida, cada um tomou seu rumo. Todavia, desde a Itália sempre sonhamos que, uma vez aqui chegados, dispuséssemos de um local onde pudéssemos nos reunir periodicamente, para sempre que possível nos revermos, revivermos episódios que somente a nós eram caros; em bom português: matarmos saudades, de vez que nossas amizades se haviam alicerçado na dor, no sofrimento, com sangue.

Obviamente dêses encontros sempre que pudesse resultar o conforto, o amparo ao menos afortunado, para tal estaríamos — como na guerra — prontos. Ponto de honra sempre foi para nós, que em hipótese alguma o sacrifício de nossos irmãos que não voltaram, fôsse considerado em vão. Para nós, a lembrança do sacrifício de nosso companheiro tornou-se bandeira.

Tentativas várias foram realizadas para a formação de entidade que congregasse exclusivamente àquêles que participaram ativamente da campanha na Itália. Todavia, fatôres alheios à nossa vontade dificultaram essas iniciativas.

Aproximadamente há um ano — quase 20 anos após nosso regresso à Pátria — conseguimos reunir um grupo (a essa altura: Veteranos da guerra, face ao correr dos anos) de antigos participantes da campanha italiana, para formar uma entidade que congregasse exclusivamente, aquêles que de fato participaram da campanha no solo italiano.

Assim, na data em que comemorávamos o embarque do 1º Escalão para a Itália (16-7-63), foi fundada entidade que recebeu o nome de **Clube dos Veteranos da Campanha na Itália**. Como, obviamente, podemos concluir, dela só poderão fazer parte aquêles que de fato participaram da campanha italiana (FEB e FAB).

Conforme Declaração de Princípios que faz parte integrante dos seus estatutos, é o CVCI uma entidade “cívica cultural e recreativa que tem por finalidade, estreitar e prolongar os laços de camaradagem e solidariedade humana entre os veteranos e seus familiares, assim como rememorar a história e as glórias do Brasil na 2ª Guerra Mundial”. Faz parte integrante também dessa Declaração de Princípios, a defesa dos postulados democráticos, estabelecidos na declaração universal dos direitos do homem, adotados pela ONU.

Dentre outros princípios, estão incluídos:

- propagar o “espírito febiano”
- reviver sempre que possível, episódios ligados à campanha italiana.
- comemorar, dentre outras datas, aquelas ligadas a feitos da FEB na Itália.
- reverenciar os mortos de guerra.
- manter laços fraternais e de camaradagem com todos os veteranos nacionais e estrangeiros.

Conforme deve ser do conhecimento dos senhores, o CVCI tem por símbolo — o Monumento aos Mortos da 2ª Grande Guerra, no Atêrro da Glória. A escolha do Monumento como símbolo, não se destina a alicerçar o crescimento da CVCI à sua sombra, mas sim, para que sempre ficasse presente que alto, muito alto foram os ideais que motivaram o sur-

gimento do Clube: era fazer com que sempre e cada vez mais, aquelas vidas ceifadas nas agruras da guerra da qual participáramos, merecessem o respeito e veneração de toda a Nação Brasileira.

Para nós, o Monumento tem um significado muito mais elevado que o arquetetônico (orgulho aliás da engenharia brasileira): ali deve ser para a Nação Brasileira, aquilo que significam para nós os jazigos particulares que possuímos nas diversas necrópoles do país: um lugar de meditação, de respeito, de saudade. Como tal, ali nos devemos despir de quaisquer sintomas de malquerenças, para única e exclusivamente recordarmos, com respeito, e saudade, daqueles que um dia conosco partiram, mas que as traiçoeiras balas inimigas não permitiram conosco voltar.

Aliás, em todas as oportunidades que nos reunimos para comemorar algum feito da FEB, invariavelmente, as solenidades se iniciam com uma visita nossa aos companheiros que repousam no Monumento.

Dia virá, e para tal tudo faremos, que o Monumento se tornará à semelhança do Pão de Açúcar, marco do Estado da Guanabara; ali deverá também ser local de atração turística; somente que, de turismo cívico.

Vêm assim os senhores, que muito embora tenhamos participado de árduas batalhas, se em nós se aprimorou o amor ao próximo, também, antes e acima de tudo, em nós se desenvolveu o amor à Pátria. Somos um grupo que, quando fardados, prestamos a continência devida aos sagrados símbolos da Pátria, no estilo militar; quando em trajes civis, é a mesma prestada com a mão direita sobre o coração.

Senhores, nós — febianos aqui presentes — somos gratos à generosa acolhida dispensada, e em nome de nosso Clube pedimos: por nossos companheiros que não voltaram, **acreditem no Brasil**; pois como no passado, seus filhos jamais lhe faltarão. Unamo-nos pois, e com o pensamento voltado para o Monumento do Atêrro, digamos ao Brasil — como eles o fizeram quando chamados — **Presente!**

Isso, é o Clube dos Veteranos da Campanha na Itália.

Obrigado.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações :

Estrangeiras :

- TAM (Terre-Air-Mer) — Bimensuel des Forces Armées — França (N. 62, 25 Fev 65; n. 63, 10 Mar 65; n. 64, 25 Mar 65).
- Revue de Défense Nationale — França (março de 1965).
- Military Review — Edição Brasileira (N. 7, julho; n. 8, agosto de 1964).
- Revista de Publicaciones Navales — Argentina (N. 555, de 1964).
- Jornal do Exército — Portugal (fevereiro — 1965).
- Revista Militar — Portugal (Ns. 2-3, fevereiro-março de 1965).
- Ejército — Espanha (N. 301 — fevereiro, 1965).
- Guión — Espanha (N. 273 — fevereiro, 1965).
- Berlin Report (N. 16, de 1965).
- Revista de las Fuerzas Armadas de Venezuela — (Ns. 221-222, novembro-dezembro de 1964).
- Revista de las Fuerzas Armadas de la Nacion — Paraguai (N. 182, agosto-dezembro de 1964).
- Revista Militare — Itália (N. 1, janeiro; n. 2, fevereiro de 1965).
- El Caballo — Argentina (N. 242 — março de 1965).

Nacionais :

- Militia — Órgão do Clube de Oficiais da Fôrça Pública de São Paulo (N. 103, julho-agosto de 1964).
- Revista da Es Com (N. 1 — outubro-novembro-dezembro de 1964).
- Revista Marítima Brasileira (Ns. 10, 11 e 12 — outubro, novembro e dezembro de 1964).
- Boletim do Clube Naval (N. 181 — 1º Semestre de 1965).

PIEDESE CANJE

WE ASK FOR EXCHANGE

ON DEMANDE L'ÉCHANGE

MAN BITTET UM AUSTAUSCH

SI RICHIEDE LO SCAMBIO